

## Presença, somente presença

Encontro sobre política com o professor Giorgio Vittadini,  
realizado por videoconferência na tarde de 25 de setembro de 2022

*Alexandre Ferraro. Boa tarde. Nós estamos começando agora o encontro “Presença, somente presença”, promovido pelo movimento Comunhão e Libertação (CL), com o professor Giorgio Vittadini. O professor Giorgio Vittadini graduou-se em economia pela Universidade Católica do Sagrado Coração de Milão em 1979. Atualmente é professor titular de Estatística na Universidade de Milão Bicocca. Ele fundou e preside a Fundação para a Subsidiariedade, com objetivo de tornar a cultura subsidiária um valor compartilhado e um fermento de iniciativas sociais, econômicas e institucionais. É um dos organizadores do Meeting de Rimini, um dos eventos do verão mais populares da Europa, que oferece encontros, debates, exposições, eventos musicais, literários, esportivos. Ele fundou e presidiu até 2003 a Companhia das Obras, uma associação empresarial inspirada na Doutrina Social da Igreja. E, por fim, ele é autor de numerosos artigos e ensaios sobre questões socioeconômicas, em particular no que diz respeito à subsidiariedade, bem-estar social, empresa social e capital humano. Giorgio, eu queria agradecer a tua disponibilidade de ficar aqui essa hora conosco, e queria começar com uma provocação não só para você, Giorgio, mas para todos nós.*

*Por que nos anos oitenta, naquele encontro em Assago, muito documentado no livro “O eu, o poder e as obras”, com os principais políticos italianos, Giussani propôs olhar a política através do senso religioso? Por que naquele encontro ele falou sobre o coração? Na Igreja, quando falamos sobre política, estamos mais habituados a falar dos valores que precisam ser defendidos ou da justiça social. Por que Giussani escolheu outra abordagem? É uma outra provocação, mas que é mais ou menos na mesma temática, é sobre a principal manifestação pública do Movimento do Meeting de Rimini, onde pessoas de tradições de lugares tão distantes se encontram. Por que essa é a abordagem com que o Movimento nos educa a fazer política?*

**Giorgio Vittadini.** Então, quando nós pensamos na política, mesmo diante das eleições, temos como ideia: “Em quem temos de votar?” Mas na produção de Giussani a pergunta é outra: o que os políticos devem ver? Exatamente o oposto. Quando alguém pertence a uma realidade em que o homem, e agora chego a Assago, é ajudado a viver, a primeira preocupação numa campanha eleitoral não é recebermos os critérios para votar, mas conseguirmos, num momento do gênero, mostrar que sujeito diverso há no mundo. Eu introduzi um encontro no Meeting de Rimini com todos os secretários de partido mais importantes. Havia 7 ou 8 mil pessoas e muitas conectadas. A imagem era de que as pessoas estavam ouvindo os secretários que falaram durante duas horas e meia, e as pessoas os escutaram; mas o mais estranho é que – enquanto durante toda a campanha eleitoral esses políticos ficavam se matando mutuamente, polemizando – ali responderam às perguntas uns dos outros de maneira aberta, pois naquele encontro dominava o povo composto pelas pessoas que queriam um modo determinado de fazer política. E é o exemplo daquilo que eu disse. O que Giussani disse em Assago? O que é a coisa mais importante numa sociedade? Quem comanda? O poder? Pensem que na Itália eu sempre faço esta pergunta aos jovens: quem é De Mita? De Mita era o secretário da Democracia Cristã naquela época, que tinha 40% dos votos e dominava tudo. Nenhum jovem de hoje se lembra de quem é De Mita, porque o poder passa, mas o que fica é o que Giussani dizia: a força da vida e da sociedade é o desejo de verdade, de justiça, de beleza. Um desejo que pode ser transmitido às gerações sucessivas e permanece na história. Porém, disse Giussani, o desejo da pessoa, o desejo de verdade, não conseguimos mantê-lo sozinho; porque se estamos sozinhos, o poder o tira de nós, o reduz: torna-se vontade de posse, de dinheiro, de sexo, de poder, de violência.

É preciso lugares, como esses de que estamos falando, onde o desejo seja educado. São os lugares que, na Doutrina Social da Igreja, chamamos de “corpos intermediários”, “realidades sociais”. O maior e mais importante desses lugares é a Igreja, lugares que são comunidades de gente que vive e que têm a finalidade de ajudar o desejo de todo mundo, a fé de todo mundo. O mais importante é que existam esses lugares, porque, se esses lugares não existirem, o desejo se corrompe e, se o desejo das pessoas se corrompe, o desejo dos políticos também se corromperá, se tornará poder, um poder enorme e incapaz de se transmitir. No entanto, se existirem esses lugares, esses lugares produzem obras, ou seja, resposta às necessidades das pessoas.

No Brasil eu conheci vários: quando eu vinha, todas as intervenções nas favelas que a AVSI fazia, por exemplo, eram obras, tentativas de pessoas que, em vez de desprezarem os favelados ou darem de ombros, tentavam construir com eles lugares mais humanos, mais verdadeiros, mais importantes. Porque além do desejo, esses lugares geram obras, diversidade. Qual é, então, o nexos com a política?

A política – diz Giussani – deve valorizar esses lugares. Um poder de dizer: “Cem desses lugares!”, onde se vive o desejo, onde se constroem obras: porque, se existem esses lugares, a sociedade já anda melhor. Então a política tem de ser a valorização dessas obras. Senão o que acontece? Acontece que alguém diz: “Votem em mim e eu vou realizar os seus sonhos, vou realizar suas respostas”. Bem, esse é o jogo, mas a primeira coisa que quem pertence a essas obras deve dizer a esses sujeitos é: “Não, não, venha ver o que fazemos”. Este é o nosso problema agora: não em quem votar, mas o que é que vive aqui, pois eu já vivo uma libertação em ato. Vou dar um exemplo que conheço bem: as favelas da Bahia, onde primeiro com a AVSI, depois com o Banco Mundial, depois com Angelo Abbondio (um empreendedor italiano que faleceu recentemente), nasceu um lugar onde não só as favelas foram reconstruídas, mas onde, por meio da Igreja e do centro social, muitíssimas pessoas que vivem na rua ou não vão à escola participam desse lugar, o procuram, são resgatadas. Muitos se salvam das ruas. Desta forma, alguém que faz política deve dizer: “Que bom, vamos intervir sobre a pobreza. Mas não vamos só dar dinheiro às pessoas e pronto, não vamos deixá-las de lado, mas ajudá-las a crescer!” Então, este é um problema da política, mas quem pertence a esses lugares deve usar a campanha eleitoral para divulgá-los. Porque, se nem na campanha eleitoral a pessoa mostra isso, o problema vira simplesmente quem vota num e quem vota no outro, e não nos damos conta do que temos. Esta é a Doutrina Social da Igreja: a política deve agir quando um ente inferior não dá conta, mas, enquanto isso, precisa valorizar esses lugares porque, se não existirem, a coisa mais preciosa que há – o desejo e a liberdade de sermos livres – acabamos não obtendo. Uma vez viramos súditos de um, na outra viramos súditos de outro... mas depois nada muda. Infelizmente, isso é muito comum na história da América Latina, onde há esses fenômenos de massa em que o líder carismático chega, pega umas pessoas, transforma-as em súditos fanáticos e assim chega ao poder. Daqui nasce, depois, a ditadura, nasce a violência, nasce a corrupção, nasce a incapacidade de governar um país, um país que contrai dívidas por não conseguir construir uma força produtiva. A América Latina, mas a Europa também, é o lugar onde essas coisas são bem visíveis, porque a gente tem uma fé quase total e religiosa num líder, mas esse líder nunca consegue responder à nossa necessidade, pois um líder sozinho não vai responder a essa necessidade. Desta forma, vai-se de montanha-russa em montanha-russa na identificação com alguém que promete céus e terras, e depois o povo percebe que foi enganado e se irrita com esse candidato, e não entende que o método é que precisa ser diferente.

O método é a emancipação dessas realidades populares. Este é o caminho, um caminho difícil porque desde o início, desde as reduções jesuítas, desde o início da história da América Latina é um caminho que o poder tentou destruir. Mas a finalidade da campanha eleitoral, digo por mim mesmo, é: eu mostro a você algo que é diferente, venha ver, depois você faz. Porém, num momento em que se põe em discussão o ordenamento político, a questão para mim é

principalmente que você veja isso antes ainda de decidir, discutir e brigar por quem devemos votar. Porque este é o ponto em que eu já faço uma experiência de verdade, de liberdade e, portanto, posso falar com você não sobre uma ideia, mas sobre algo diferente que eu já vivo.

**Otoney Alcântara.** *Boa tarde, Giorgio. Vou ler aqui um bloco de perguntas que tratam da questão da unidade. Depois, a questão dos critérios, os critérios em quem votar e a diversidade de escolhas. E aí peço uma ajuda. São três perguntas, e gostaria que você nos ajudasse a aprofundar.*

*A primeira diz assim: “Observando de forma sincera e verdadeira os mesmos fatos, temos percepções e juízos diferentes. E provavelmente votaremos diferente, usando os mesmos critérios. Não tenho pretensão de hegemonia, mas tenho um desejo de que expressássemos nossa unidade também no voto. Como lidar com este desejo que às vezes me parece utopia?”*

*Depois outra questão próxima desta: “Pela primeira vez em 39 anos de casados, o voto do meu marido e o meu serão diferentes. Já que toda a vida de nosso relacionamento e de nossa família se deu no âmbito do Movimento e partilhamos na imensa maioria das vezes do mesmo juízo sobre a realidade, mesmo a política, no início, com esta nova situação, eu ficava muito triste e ferida. Como fomos chegar a este ponto? O que aconteceu? Onde erramos? O que significa enfrentar juntos essa questão?”*

*Depois outra pergunta: “Ao aplicarmos os critérios da Doutrina Social da Igreja e do Movimento na escolha de candidatos, vemos que não há alternativa que preencha integralmente o que desejamos. Iniciamos então uma hierarquização de critérios dando mais peso a um do que a outros. Nesse processo, como não sucumbir a uma escolha previamente decidida, tentando colar os critérios em uma decisão tomada antes de iniciarmos o caminho? Isto é, como não ser parcial?”*

*Então são essas três questões, e eu agregaria ainda, partindo daquilo que você colocou no início, uma pergunta que é exatamente o seguinte: “Como recuperar a unidade e como desenvolver esse ponto de unidade que você já iniciou a enfrentar?”*

**Vittadini.** Então, há momentos da história em que a Igreja, o Movimento também diz isso, diz com clareza que um rosto é necessário onde quer que os aspectos fundamentais do desejo humano sejam violados. Nesses momentos a Igreja indica essas coisas. Um exemplo ocorreu na Itália em 1948, quando, segundo a hierarquia da Igreja e o Papa, estava em jogo a liberdade entre um partido comunista ligado a Moscou, que então era stalinista, e uma democracia cristã e os partidos aliados, que queriam uma democracia. Nesses momentos aconteceu assim. Dou outro exemplo próximo: o referendo sobre a constituição no Chile viu a Igreja posicionar-se, pois aquela constituição era uma constituição liberticida, isto é, destruíra não tanto a Igreja, mas a liberdade humana. Por isso foi derrotada. Mas a Igreja tomou posição. Desta forma, há momentos em que isso ocorre com clareza, pois fica em jogo justamente a natureza do desejo, a liberdade. Antes do muro, isso era claro na Europa. Então há momentos em que isso é posto em jogo. Qual é o motivo por que você põe isso em jogo? Quando é posta em xeque a liberdade do eu e quando fica em jogo a existência não só da Igreja, mas de comunidades intermediárias. Vejam que esse critério alternativo – peguemos por exemplo a guerra no Iraque, a guerra em que os americanos e os ocidentais em geral derrubaram Saddam, ou a guerra na Líbia, quando derrubaram Ghedaffi – se você derruba o ditador, mas o que vem depois põe muito mais em xeque a comunidade cristã e as demais comunidades, é porque fizeram uma intervenção sem critério. De fato, depois da guerra do Iraque, em todo o Oriente Médio, a existência não só de comunidades cristãs, mas também de realidades de outro tipo, foi posta em xeque – pensei em tudo o que aconteceu no Estado Islâmico. Nos tempos da guerra no Iraque, João Paulo II disse não à guerra: não é assim que se sacrificam todas as coisas; até no caso de um ditador é preciso fazer uma transição para substituí-lo a fim de preservar a vida das pessoas. Não é verdade que

a liberdade em absoluto é feita assim. Também nos tempos do comunismo a relação da Igreja com os países comunistas não era: “Vamos fazer uma revolução!”, porque isso teria ido contra a vida dos cristãos e dos outros que viviam. Então se entende que o critério é a vida das pessoas, é a vida da liberdade. Nesses casos, paradoxalmente, indica-se votar de um jeito e evita-se intervir de outro, porque quando o critério de levar em conta o povo é posto radicalmente em questão, sempre se vota escolhendo um lado; mas se a modalidade põe em causa a vida das pessoas, segue-se uma modalidade que não é a guerra, porque a unidade não se dá em torno da política, mas em torno da experiência. Vocês querem um exemplo negativo disso? A Igreja americana não está unida em torno da Igreja, mas está unida em torno da política, então está dividida radicalmente. Os democratas são a favor do aborto e contra a pena de morte, os republicanos são contra o aborto e a favor da pena de morte. Em nome disso se dividem, porque a unidade está em torno da política. Querem outro exemplo? Depois desse início na Itália em 1948, a unidade ficou em torno do partido, da Democracia Cristã. O que isso quis dizer? Pouco a pouco, a experiência de base de comunidade, de fé, de vitalidade, foi sendo sacrificada pela razão política. Em quarenta anos tudo se atrofiou: a vida desmoronou. Porque é como se as pessoas, em vez de pensarem na catequese, na caridade e na cultura, tivessem sacrificado tudo em função do poder, embora bom; mas a gente precisa alimentar algo, então a unidade é em torno da experiência cristã que em determinados momentos precisa de unidade política, em outros momentos não afirma isso porque não é oportuno. O tema é a comunidade. Eu sempre frisei para vocês a comunidade e alguns rostos que são indispensáveis. A comunidade. Então não “derrubo o ditador se ele comete o mal”, isso requer tempo.

A comunidade, e não a política. Neste momento histórico, por que a Igreja não diz claramente para votar num partido ou em outro? Porque, como foi feito, nenhum dos candidatos encarna até o fundo a defesa da experiência não só cristã, mas de todas as comunidades de base. Mas isso nos diz qual é o critério. Qual dos dois candidatos, neste caso, eu sinto que está mais perto da defesa da liberdade e das experiências de base? (...). Numa situação do gênero, podemos legitimamente chegar a ter juízos diferentes, mas o mais importante é termos um único critério, pois, se há um único critério, essa diferença temporal chegará à mesma coisa e, em ambos os posicionamentos, um contribuirá para que esses posicionamentos se humanizem, e as coisas piores sejam eliminadas. Então, essa unidade na Igreja, ou na experiência do Movimento, que chega até a ter juízos diferentes, se tem um único critério, chegará a um ponto comum e talvez venha a contribuir nos diversos posicionamentos para algo mais humano. Mas nesta situação nem a Igreja nem o Movimento podem apontar para um ou outro, pois – como vocês disseram – esconderiam coisas, mas dizem: “Qual é o critério”? Por que é que marido e mulher que raciocinam assim chegam depois, com certeza, a sentir-se juntos? Porque, mesmo tendo ressaltado duas coisas diferentes, estão ressaltando o mesmo fato. É desejável a unidade também aqui? Absolutamente sim, mas como processo – disse Giussani –, como resultado de um percurso, porque pode ser que, conforme o tempo passa, essa necessidade venha a fazer com que não só cristãos, mas também partidos mais próximos expressem uma unidade de posição. Sendo que eu conheço a história do Brasil, a história de vocês, essa unidade não ocorreu em nível presidencial, mas em alguns casos – penso no caso de Marcos e Cleuzo e outros – ocorreu em nível local. Comecem a ver lugares. Assim como na Itália, por exemplo quando houve a experiência de Formigoni na Lombardia, não é que houve uma imposição do Movimento para votarmos no Formigoni, nem da Igreja, mas naturalmente passamos a seguir um tipo de política “subsidiária” que favorecia a liberdade de educação; que favorecia a liberdade de escolha para fazer a formação – então permitia que nascessem obras –; que favorecia um sistema de saúde em que todos podiam ser tratados, mesmo se fossem pobres; que favorecia um auxílio ao trabalho contra o neoliberalismo ou o assistencialismo. Então naturalmente as pessoas votaram nesse aspecto, porque estava muito claro. Agora é menos presente, inclusive entre nós, mas podemos coincidir em alguns aspectos. Para vocês é a mesma

coisa, então em ambos os posicionamentos, a primeira coisa é tentar afastar-se dos comportamentos mais distantes da defesa do desejo, da defesa da vida – de toda a vida; de fato, Parolini falou não só da vida no nascimento e na morte, mas também no trabalho, na educação... Segunda coisa: com o passar do tempo, talvez, identificar uma unidade política que nasce do fato de nascerem pessoas que estão mais perto disto do ponto de vista leigo. Nesses casos, nos identificamos mais, em vez de nos identificarmos menos. Houve na história da América Latina, e talvez do Brasil, candidatos que expressaram mais em termos laicos, sem pretenderem uma coisa do alto, um tipo de posição que estimulava a unidade. É um fato histórico. Dá para entender que, se vocês se moverem assim, não jogarão fora esta ocasião. Primeiro, façam com que os outros conheçam o que vocês são; segundo, no processo que pode até levar a condições diferentes, afirma-se uma unidade, tal como na Itália, sem dúvida nenhuma, se afirmou a unidade, porque fazendo esse panfleto de CL, que pode até levar a escolhas diferentes, afirmaram-se os critérios que foram: a subsidiariedade, ou seja, a existência desses lugares, depois a família, escolas, trabalho... que são as coisas que constroem o sujeito humano. Na Itália há uma enorme crise demográfica, se você deixa a família de fora, ela deixa de existir, deixa de haver crianças; depois a escola, sem a qual não se educa o povo; se não há trabalho, diz Giussani, a pessoa perde a dignidade. Portanto, damos estes critérios porque há muitos deles, mas se não levamos estes em conta, todo o resto se perde.

Se agirmos assim, como também está acontecendo em candidatos de diferentes partidos, em cada um dos posicionamentos se faz presente – aqui na Itália é melhor porque não é o presidente – essa possibilidade de convergir em pontos diferentes. De fato, nós promovemos há vários anos o intergrupo para a subsidiariedade, que é o grupo que se expressa no Meeting, para dizer: há pontos de convergência de pessoas diferentes, almejamos a unidade na política, é um fato histórico. Depende de nascerem pessoas desse tipo; se nascerem, trarão uma unidade, mas se não nascerem, não forçamos e tentamos entender quais são os critérios que são fundamentais. É interessante, porque os critérios não são os valores, mas a experiência que gera os valores. É diferente: eu não defendo as famílias abstratamente, defendo os lugares onde nascem as famílias de determinado tipo, que defendem a vida, que cuidam dos mais fracos, porque, se eu defendo os princípios, os princípios não são visíveis.

*Alexandre. Chegaram outras perguntas, vou tentar agrupar algumas. Elas levantam algumas questões que dizem respeito a uma situação bastante nova entre nós, que é a segmentação da sociedade em grupos identitários ou de valores. A esquerda, os LGBTs, etc. Vemos entre nós como uma tentação de criar também uma bolha, mas a bolha católica. Só que, criando bolhas assim, você dificulta enormemente o diálogo, o encontro com o diferente. Então uma outra pergunta sugerida dizia: “Será ingênuo demais considerar que aquilo a que nós somos chamados é viver as coisas pequenas do cotidiano, viver o Evangelho, e considerar isso como a verdadeira política que pode mudar o mundo?”*

**Vittadini.** Então, primeiramente quero lembrar uma entrevista que Dom Giussani deu em Lourdes e que está no livro *O eu, o poder, as obras*, onde ele diz que preferiria um Primeiro-Ministro laico, se este, mais que os católicos, afirmar as coisas que eu mencionei antes. Então, na política, existiram as democracias cristãs, mas hoje creio que a coisa mais importante seja encontrar políticos que afirmem estas coisas. Não é uma questão confessional, pois pode haver políticos cristãos que não entendem a primazia da experiência e reduzem o problema a uma contraposição entre católicos e não católicos. Na história internacional, nós tivemos Francisco Franco, que foi um ditador, e católicos na América Latina que eram a favor da guerra armada: não é que a definição do pertencimento define a questão. Nós somos leigos, ou seja, além do que você traz, qual é o tipo de posição que você vive? No primeiro caso, você introduz uma ditadura que impõe valores. E isso pára uma nação, pára a modernidade, pára os valores; é como

Carrón nos disse nos anos anteriores, quando afirmou que, para o Concílio Vaticano II, a própria fé não passa senão pela liberdade. No segundo caso, pensemos na Teologia da Libertação: quando Dom Filippo estava aí, e foi aí para isso, identifica-se num método violento a forma de impor uma mudança, então somos sempre católicos. O problema é: independentemente do ideal que você carrega, socialista, liberal... você consegue expressar algo? Se expressa, eu te sigo; uma unidade, tendencialmente, não é entre católicos e contra católicos, mas entre pessoas que exprimem essa liberdade. Há católicos que são contra a liberdade de educação, há laicos que são a favor da liberdade de educação, há católicos que veem o trabalho como exploração, ou neoliberalismo ou assistencialismo, há não católicos que veem o trabalho como desenvolvimento da pessoa. Então não é isso, mas é a posição, então aquela resposta de Giussani é profética ao dizer algo deste tipo, pois nos diz que o tema é uma unidade que exprima essas coisas.

Para responder à segunda pergunta. Sim, o Evangelho. Mas o Evangelho como experiência. O que eu disse antes: o Evangelho não como ideia, porque Che Guevara tinha o Evangelho, Camillo Torres (que era católico) tinha o Evangelho. Mas o Evangelho como experiência, que tem a ver com o desejo, isto é, a relação entre o coração (o desejo não reduzido) e aquilo que acontece. Com o tempo isso muda a história. A nossa política está naquela resposta de Giussani em 1968 àqueles que na Católica lhe diziam: “Dom Giussani, a história passa aqui”. Ele respondia que as forças que mudam a história são as mesmas que mudam o coração do homem. No nosso âmbito, vejam essa coisa. O Meeting existia em 1987, quando estava o De Mita; em 2022, quando estão estes outros, qual é a diferença? Que você, mesmo num mundo de um determinado jeito, esse mundo transmite a experiência. Os jovens de hoje vivem como antes, mas o poder não consegue transmitir os valores, e a certa altura desmorona, não é capaz de transmitir. Então o tema é a presença de sujeitos, de lugares. Este trabalho cotidiano também é político. De fato, uma das coisas que eu aprendi com o Movimento é que a comunidade cristã é o primeiro lugar político, porque marca uma libertação que não é só uma libertação espiritual, mas uma libertação total, do modo de nos tratarmos, de caridade, de superação das etnias... Isso também se vê no Brasil, mas se vierem para a Itália, quando forem visitar Portofranco e virem essas realidades nas quais se ajudam as pessoas a estudar, aí vocês vão ver todas as etnias, todos os jovens, são sul-americanos, árabes, asiáticos, etc. Um jovem egípcio muçulmano nos disse que, antes de ir ali, de noite ele brigava com os sul-americanos, mas ali passaram a ficar juntos, ele aprendeu a ficar junto; assim, se nós oferecemos esses laboratórios de diferença, construímos isso. Por outro lado, com todos os problemas de colonialismo, vocês no Brasil, onde há uma comunidade intermediária católica histórica, veem mulatos; nos Estados Unidos não se veem mulatos, pois não se misturaram: os afro-americanos continuaram afro-americanos, os brancos continuaram brancos, porque numa mentalidade protestante não existe a ideia da mistura de povos. Isso ocorre porque houve muitos lugares onde as pessoas viveram juntas. Se nós lemos a história e a política desta forma, qual é o problema. O problema é que a fé não bastou, a certa altura se tornou ideologia.

A tirada de Giussani, se foi a Igreja que abandonou a história ou a história que abandonou a Igreja, é o motivo pelo qual certos processos se tornaram apenas limitados. Para vocês entenderem o que significa a política. Qual é a realidade de formação profissional mais importante no mundo, que forma as pessoas, que ensina? São sempre os Salesianos, não foi feita por um político, mas por um santo. Quanto mais se multiplicam esses lugares, mais nasce uma libertação. Por que para? Porque a certa altura já não se crê, porque a comunidade cristã se torna valor e assim, em vez de se difundir, deixa de existir. Pelo contrário, a experiência de vocês me ensina: difunde-se nas favelas, porque em todas as favelas da América Latina, por exemplo, o Movimento está presente há anos, há décadas, não como aquele que resolve, mas como aquele que compartilha. Isso é um fato político: deve tomar consciência e ter paciência para crescer. Como vocês estão dizendo que está crescendo, deve crescer, deve ir crescendo

com o tempo essa capacidade que se amplia a partir dali. Se esses lugares existem, existe a base de uma política diferente: é preciso ter a constância dos santos para crer que este é o fator que muda a história, muitas vezes nos esquecemos. Por outro lado, para dizer que nada é impossível, vocês sabem há o poder e as obras, porque inclusive o poder pode ser santo: nem estamos falando de São Luís dos Franceses. Vocês sabem que o sucessor de Francisco José, que governou a Áustria na paz do século XIX, é beato, é um santo. Por quê? Porque a Igreja reconheceu na sua tentativa de paz um valor em que você pode ser um poderoso que trabalha para isso. Mas, se estivéssemos na África do Sul, estaríamos com Mandela, mesmo que Mandela não fosse um cristão, porque, em vez de usar a sua libertação depois de 27 anos para criar uma violência, ele conduziu a unidade de um povo: ele é alguém com quem nós nos identificamos. O que você faz? Faz a revolução dos negros ou a defesa dos bôeres? Não, você se identifica com alguém que busca unificar uma nação. É uma questão histórica, é preciso que nasçam pessoas assim.

*Alexandre. Apareceram muitas outras perguntas, mas o que fica evidente é que estas eleições são muito dramáticas, muito tensas, né? Mas ao mesmo tempo percebemos que é uma ocasião para nós? Então, você poderia contar um pouquinho da experiência semelhante que vocês viveram, já que hoje foi o dia de eleições na Itália. O que vocês viveram dentro da companhia nossa, como viveram uma situação tão tensa?*

**Vittadini.** Dou um exemplo. Na semana passada, na Associação Cometa, uma obra maravilhosa que há em Como para formação profissional, acolhimento das famílias e auxílio a jovens deficientes, esteve presente primeiro o Renzi, um dos líderes italianos que era, digamos, de centro-esquerda; depois foi o Fontana, que era o presidente do partido Lega Nord, depois foram outros de outros cargos. Eles viram uma realidade em ação. Ao Meeting vieram já em campanha eleitoral todos os ministros e todas as pessoas. Dou um exemplo do ministro Giorgetti. Na Itália, diferentemente do Brasil, um dos problemas mais graves é a queda demográfica, como já mencionei. Neste ritmo, mesmo tendo 120 mil imigrantes por ano, na Itália de 2050 haverá tão pouca gente, que a renda nacional vai cair um terço – nos tornaremos um país pobre. Estávamos conversando disso com o presidente do ISTAT (Instituto Nacional de Estatística), e Giorgetti, o ministro do desenvolvimento disse a certa altura: “Sim, mas no Meeting as pessoas têm filhos. Por que no Meeting as pessoas têm filhos e fora não, com as mesmas leis?” Então ele percebeu algo que estava acontecendo. O ministro do trabalho, Orlando, que é um de esquerda do PD (Partido Democrático), depois do encontro disse: “Sim, eu estou muito longe de vocês, mas devo dizer a verdade: quando a gente vem aqui, fala-se do trabalho seriamente”. Esta retomada do panfleto como juízo foi a oportunidade ao avesso para muitos discutirem em quem votar, mas para muitos foi a oportunidade para contaminar o mundo em que estão, para mostrar este ponto em ação e, digamos, humanizar os posicionamentos, tornar claros os posicionamentos. O Meeting de Rímíni foi o único lugar onde todos os secretários se encontraram para falar, tornou-se um fato: um início da campanha eleitoral diferente para todos por causa disto, assim como também foi o encontro com o primeiro-ministro Draghi. Então, o que eu estou contando aqui aconteceu muito hoje, diferentemente de alguns anos atrás, quando nós constituíamos um posicionamento por causa da presença de Formigoni. Todos reconhecem no Movimento, também graças ao grande trabalho de Carrón nos anos em que apresentou os livros e tudo o mais, um fator de unidade nacional. Dou um exemplo: em três grandes falas no Meeting, Napolitano em 2011, Mattarella em 2016 ou 17, Draghi este ano e dois anos atrás, fatores fundamentais da política italiana se deram no Meeting. Imaginem que Napolitano, quando foi reeleito, fez uma referência ao seu discurso do Meeting; Mattarella disse quando veio ao Meeting: “Este é um lugar onde se reconstrói a base positiva da Itália”. Draghi lançou sua carreira política primeiro no Meeting, com um primeiro discurso, e agora fez este último

discurso de despedida no qual fez o seu balanço. Isso ocorre porque precisavam de lugares onde o povo pode ser visto. Pensem que um banqueiro amigo nosso nos confidenciou que Draghi viera ao Meeting pela primeira vez pedindo-lhe uma opinião porque, quando teve de decidir entre o Meeting e o Fórum Ambrosetti, que é um grande encontro dos poderosos da Terra, lhe disseram: se você for lá, será um banqueiro, se for ao Meeting, é um homem de Estado. Então dá para entender que estes exemplos nos mostram que esta experiência, na qual algo que existe se torna um fator interessante para gente de diferentes partidos, é uma experiência. Depois é claro que, para nós, este também é um momento em que nos expressamos de várias maneiras, mas é interessante ver, como diz na última parte do nosso panfleto, que mesmo candidatos pertencentes ao Movimento em diversos partidos fizeram com que nos distintos posicionamentos se chegasse a temas comuns: a subsidiariedade, a escola... Esta é uma coisa interessante, porque na política também é possível convergir de pontos diferentes para chegar a um bem comum. Então dá para entender que esse bem comum existe. Vocês sabem como a doutrina da Igreja define o bem comum? Define-o como a verdade da pessoa – se eu ajudo cada pessoa a existir, e é o que estou contando. O homem, o político vê isso e se contagia, vê, considera interessante e o leva em consideração depois. Não é um percurso fácil, mas um percurso em que o sujeito Movimento ajuda o outro a viver. E é claro, ainda estamos numa fase em que votamos diferente, mas votamos diferente devido a uma experiência que tem uma raiz que não é dividida como a americana, em que se olham atravessado, pois é claro que a unidade é este lugar: a unidade é a vida da Igreja. Deste ponto de vista, foi interessante ver a Igreja e a Itália, porque tomaram a mesma posição. As falas do Cardeal Zuppi destacaram a necessidade de experiências para levarmos em conta nas diversas propostas políticas desta construção da pessoa. Então, deste ponto de vista, o que estou dizendo não foi abstrato, foi realmente algo que vivemos. Sabemos que não estamos no auge da unidade, pois ainda votamos diferente, mas há um percurso comum de desejo de construção, de contágio do mundo público. O Meeting é o exemplo gritante disso, e na minha opinião vocês estão caminhando nessa direção.

*Alexandre.* Ainda chegaram mais duas perguntas, que de formas indiretas você já abordou. A primeira é de um rapaz do CLU [grupo dos universitários de CL] que, na sua situação, encontrou representantes de candidatos que se aproximam daquilo em que ele acredita, e ele se pergunta se é suficiente envolver-se com eles ou não. Especificamente, ele diz: “Encontrei aqueles que acho que melhor representam o que eu acredito, então me junto a esses e só? Isso às vezes me dá um certo receio”.

*E a última pergunta que também chegou é sobre quando você disse “ressaltar a liberdade”. Mas há também pessoas marxistas que dizem que acreditar na liberdade ideal, intrinsecamente, talvez seja liberticida. Você poderia enfrentar essas outras questões, que acho que resumem as últimas que não foram respondidas?*

*Vittadini.* Vou começar pela última. Os marxistas podem ressaltar a liberdade em termos abstratos. Por outro lado, pode-se ressaltar a liberdade e enchê-la de coisas que não têm nada a ver com a liberdade. Em ambos os posicionamentos você pode encontrar alguém que, mesmo tendo uma ideologia diferente, humanamente rompe essa ideologia. Por outro lado, você pode encontrar alguém que ama a verdadeiramente a liberdade, então não é verdade que nesta situação não há ninguém assim, e acho que o critério do nosso amigo do CLU é verdadeiro. Se você encontra alguém que humanamente faz um caminho, você corre esse risco. O mais interessante que aprendemos ao longo dos anos na Itália – sendo que há cinquenta anos teríamos dito: “Muito bem, o Movimento está te apoiando” – é que aqui, como nas obras, é você quem corre o risco, o Movimento não está com você. Você corre o seu risco, vê gente do Movimento e vai. Com a liberdade e o risco pessoal, então, você pode arriscar, porque não é que você arrisca tudo e o Movimento diz que está com você. Você precisa construir um caminho seu em que



you se torna convincente para pessoas do Movimento e de fora do Movimento, como numa obra. Nós aprendemos, agora, que as obras são de quem as faz. Mas quem as faz é do Movimento? A mesma coisa em política: você encontra quatro candidatos que são amigos, vá com eles, construa, você será um posto avançado. Na Itália, agora, há muitos candidatos do Movimento em várias coisas, mas não é que o Movimento é identificado aí. É você que carrega isso. E você não pode pretender que o Movimento lhe dê os seus votos, talvez na Itália haja lugares assim. Você vai ganhar os votos de pessoas do Movimento e de outros porque os convencerá da sua proposta política. Então, voltando atrás, primeira resposta: certamente, se você encontrar pessoas, vá atrás delas. Como risco pessoal. Com muitos erros. Segundo aspecto: um proclama a liberdade e não a vive, outro parece distante, mas depois faz o percurso. Vamos dar um exemplo da nossa história: nós conhecemos Aldo Brandirali, que estava à frente de ajudar o povo e que era marxista quando encontrou Giussani; era tão marxista, que virou católico, porque, pouco a pouco, o que encontrou foi muito mais forte do que o que ele tinha antes. E este é um exemplo. O que foi que Giussani fez? Por acaso lhe disse: “Não vou falar com você, porque você é marxista”? Não. Ficou com ele. E ele, pouco a pouco, foi mudando de ideia. Pensem, vocês também leram, como nós, *O poder dos sem poder*. Esse é o nosso jeito político. Ele diz quando ainda estava na prisão: há um verdureiro que todos os dias precisa expor o cartaz “Proletários de todo o mundo, uni-vos!” Um dia ele diz: “O que é que isso significa?”, e o rasga. Ou há o diretor da fábrica de cerveja, governada pelo partido, que escreve ao secretário provincial e lhe diz: “Esta cerveja é horrível”. O secretário lhe responde: “Não, não pode ser horrível, é feita pelo partido”, e ele diz: “Pode até ser feita pelo partido, mas é horrível mesmo assim”. E então o secretário demite o diretor, e diz: “Este é o nascimento da política”. Parece estranho, mas esses é que derrubaram o muro com esse jeito, sem entrar em guerra. Ele, Solidarność... Nós estamos fazendo o mesmo caminho.

Temos de ter paciência: o Senhor nos sustenta em tudo para construirmos, mas se nós tivermos essa paciência, não é que temos de tomar o poder, mas seria um sinal dessa universalidade. Então não podemos jogar fora estas eleições, mas devemos ter em mente esta coisa fixa: será que há uma coisa no mundo que seja importante vir à tona e ter um valor, que nasceu numa favela e valha para todos, isto é, um método interessante? Se o poderoso encontra o método, é ele quem vai aplicá-lo; não é que o aplicará porque o Movimento é enorme, mas ele fica tocado e diz: “Isso é uma novidade!” E o comunica aos outros. Como Renzi fez depois de ter visto a Cometa. E este é o nosso caminho fascinante. Portanto, chegando à questão do voto: se eu penso nos votos que dei, eu aprendi com todas as eleições ao vivê-las com o Movimento; mas se for ver quantas vezes votei certo, ao contrário de hoje... Uma montanha de erros. E quem se importa! Tentativas irônicas, pessoal; a gente tenta, vê e depois avalia se foi bom ou ruim. Mas precisamos entender o que permanece. Eu apresentei no Meeting quatro presidentes da república, vários primeiros-ministros, inúmeros ministros, e aprendi com cada um deles. Até com gente diferente. Porque foi uma experiência, e uma experiência na qual não devemos fazer acepção entre amigos e inimigos. Porque nós é que vamos crescer como consciência. Isso cria a diversidade. A nossa tarefa na história é esta.

**Otony.** Estamos chegando praticamente ao final do encontro. Agradecemos muito ao Vittadini. Eu vou tentar retomar alguns pontos importantes daquilo que você nos disse hoje. A primeira coisa que você levantou é que a nossa primeira preocupação não é em quem votar, mas é convidar para ver lugares onde há um sujeito diverso que afirma o desejo de beleza, de justiça e de verdade, não como valores, mas como experiências. E você também afirmou: nós somos leigos, e para nós, mais do que afirmação de valores, a questão é estar próximo de gente que está aberta ao diálogo, independentemente do ideal. A nós interessa uma posição. O método são os lugares onde uma humanidade diversa de alguma maneira documenta a experiência do Evangelho. Depois você colocou que, em alguns momentos históricos, a Igreja sente a

obrigação, digamos assim, de indicar uma posição para tomar. São momentos excepcionais quando está em risco a liberdade e a vida. Você deu alguns exemplos de quando a Igreja apontou claramente essa situação. Numa situação normal, a unidade se dá nos critérios. No nosso caso, esses critérios são os lugares onde se pode ver a experiência. Evidentemente, partindo do mesmo critério, pode-se arriscar, pode-se opinar, pode-se votar diversamente, mas isso não é para escandalizar. Porque, se há uma unidade de critério, e essa unidade ocorre na vida, com o tempo se chega à unidade. Aí você apontou alguns critérios importantes: a liberdade, a obra, o trabalho, a família e a educação. E depois explicou cada um desses critérios, levando sempre em consideração o conteúdo vivido de cada um deles, não em abstrato. Para nós foi uma grande contribuição, também pela liberdade com a qual a coisa se colocou. Neste momento muito dramático, em que o Brasil vive uma exasperação de posições, uma posição como essa – originária, não reativa – é de uma liberdade e de uma beleza muito grande. Então, agradeço mais uma vez a sua participação. Agradeço a todos os que participaram e nos mandaram mensagens; e as perguntas que não foram respondidas, teremos outras ocasiões para retomá-las, sobretudo na Companhia das Obras, mas também conosco aqui do Centro [*grupo de responsáveis do Movimento Comunhão e Libertação*]. Então é isso, muito obrigado. Obrigado, Vitta!

*(Notas não revisadas pelos autores das colocações)*